

# MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL PELAS LENTES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Larissa Delazari Antonholi<sup>1</sup>  
Patrícia Barbosa da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

Nos primeiros anos de vida, os núcleos familiares e as instituições educacionais desempenham um significativo processo na elaboração de ferramentas e processos educacionais mediados, nas quais a criança pode se pautar como referência para a apropriação de uma cultura social e coletiva. Esta pesquisa teve como objetivo analisar os papéis da mediação no desenvolvimento infantil pelas lentes da Psicologia Histórico Cultural, por meio de uma revisão bibliográfica através do método do Materialismo Histórico-Dialético. Assim, foram analisados papéis relevantes à formação do psiquismo já nas primeiras relações por meio dos contatos sociais, do útero até as relações posteriores com adultos responsáveis e como o impacto do meio bem como das condições sociais impactam no desenvolvimento das funções psíquicas superiores do bebê de 0 a 1 anos.

**Palavras-Chave:** Maternidade, Desenvolvimento Humano, Mediação, Vygotsky, Funções Psíquicas, Infância, Apropriação Cultural.

## MEDIATION AND CHILD DEVELOPMENT THROUGH THE OPTICS OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

### ABSTRACT

In the first years of life, the Family nuclei and educational institutions play a significant process in the elaboration of mediated educational tools and process, in which the child can be guided as a reference for the appropriation of social and collective culture. This research aimed to analyze the roles of mediation in the child development through the lenses of Historical-Cultural psychology, through a bibliographic review of through the method of Dialectical-Historical Materialism. So, relevant roles to formation of psyche were analyzed in the first relationships through social contacts, from the uterus to the later relationships with responsible adults and how the environments as well as social conditions impact the development of higher psychic functions of the baby of 0 to 1 years.

**Keywords:** Motherhood; Human Development; Mediation; Vygotsky; Psychic Functions; Childhood; Cultural appropriation.

## MEDIACIÓN Y DESSAROLLO INFANTIL A TRAVÉS DEL LENTE DE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

### RESUMEN

---

<sup>1</sup> Autora. Acadêmica do 5º ano de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama- PR.

<sup>2</sup> Orientadora. Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama- PR. Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

En los primeros años de vida, los núcleos familiares y las instituciones educativas juegan un papel significativo en la elaboración de herramientas y procesos educacionales mediados, en los cuales el niño puede ser orientado como referente para la apropiación de una cultura social y colectiva. Esta investigación tuvo como objetivo analizar los roles de la mediación en el desarrollo infantil a través de la lente de la Psicología Histórico-Cultural, a través de una revisión de la literatura a través del método del Materialismo Histórico-Dialéctico. Así, se analizaron roles relevantes para la formación del psiquismo en las primeras relaciones a través de contactos sociales, desde el útero hasta las posteriores relaciones con adultos responsables y cómo el impacto del medio ambiente así como las condiciones sociales inciden en el desarrollo de las funciones psíquicas superiores del bebé de 0 a 1 años.

**Palabras-clave:** Maternidad; Desarrollo Humano; Mediación; Vygotsky; Funciones Psíquicas; Infancia; Apropiación Cultural.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar de maneira reflexiva por meio da Psicologia Histórico Cultural fundamentada por Lev Semionovich Vygotsky através do método do Materialismo Histórico-Dialéctico, o papel da mediação na maternidade de 0 a 1 ano e suas contribuições para a formação das Funções Psíquicas Superiores e na constituição das relações sociais pelas quais uma dada cultura é apropriada.

A teoria histórico-cultural, que possui como um dos seus fundadores Vygotsky pauta-se na ideia de que as relações sociais são o espaço pelo qual o ser se humaniza, se educa e desenvolve suas capacidades e funções psíquicas. Por meio da mediação, da realização de potencialidades por intermédio de uma pessoa mais capacitada é possível alcançar um desenvolvimento pleno das faculdades do ser de forma até mesmo a superar aparentes limitações ou dificuldades.

Desde o nascimento a família, aqui concebidas, pelo papel da maternidade, atua como uma matriz para o desenvolvimento das funções psíquicas. A interação com “outros” possibilita a transmissão da cultura, a comunicação e efetiva portabilidade de mensagens informativas e educacionais fundamentais para o desenvolvimento das capacidades mais básicas das atividades humanas, de comer, andar e se expressar por meio da comunicação. Tudo aquilo que lhe é posto culturalmente de forma prévia torna-se integrado em um processo de movimento entre sentidos e significados pela linguagem como meio social de pensamento (VYGOTSKY, 1996, p. 44).

A mediação, de acordo com Berni (2012, p. 2539) é “o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e outros homens” e é justamente assim que ocorre o desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores, características tipicamente humanas que distinguem animais e humanos por meio das “ações intencionais – planejamento, memória voluntária, imaginação” (*ibid*).

No caso do bebê, ele ainda não se apropriou de aspectos culturais, como por exemplo de um adulto, neste sentido, entre mediador e mediado ocorre o processo do aprendizado, por meio de uma ação de uma pessoa com maior capacidade para alguém que possui habilidades em potencial, mas ainda não está em sua zona de desenvolvimento potencial, isto é, capaz de realizar de forma autônoma uma determinada atividade (DUARTE, 1996).

Pela interação das crianças com os adultos como mediadores do desenvolvimento, tido aqui como modificações das funções e potencialidades, torna-se algo intrapsíquico, internalizando as concepções e habilidades até então além de si. Nos próprios estágios iniciais do desenvolvimento, “as imitações infantis de comportamentos ao seu redor vão modulando a internalização, pela qual acontece a realização de significados, como algo cultural e historicamente construídos coletivamente, bem como de sentidos particulares na apropriação e interpretação pessoal da experiência subjetiva da criança” (COSTAS & FERREIRA, 2011, p. 214).

De acordo com o pensamento de Wallon (1941/2002 *apud* COSTA & PESSOA, 2011, p. 503) as relações iniciais da criança com a formação de sua identidade e seu ambiente são de ordem afetiva. A maternidade, quando permeada de afetividade, torna-se portanto, uma das primeiras facetas de diferenciação entre a criança e o outro, dando significações e sentido às interações por meio do encontro e confronto com o diverso para a criança, com a realização de novas possibilidades de ser, estar e se expressar em seu próprio meio.

Em uma análise da periodização, conceituado aqui por Eidt (ABRANTES *et al*, p. 67) como as “fases e etapas do desenvolvimento humano desde o nascimento até a idade adulta”, há o conceito das reações na primeira infância como sendo vinculadas à um psiquismo indiferenciado, onde as relações se estabelecem de forma imediata e motivadas por reações involuntárias do recém-nascido pelas quais os adultos buscam suprir suas necessidades e vontades, por meio de uma comunicação emocional direta. No curso do desenvolvimento e progresso da periodização, a criança, ainda que dependa do adulto, começa a ser impulsionado às expressões por meio de seu psiquismo e evolução qualitativa de suas faculdades.

Por meio das atividades-guia, “o surgimento de novas informações e maneiras de lidar com a realidade, há uma possibilidade de novas formações” (*ibid*, p. 85) que provocam e causam efetivamente mudanças no psiquismo infantil, não ocorrendo de maneira natural ou biológica somente, mas em uma aliança com as relações sociais e do meio que permitem o oferecimento de oportunidades que desenvolvam habilidades e funções psíquicas por meio de refinamentos e aperfeiçoamento.

Na relação com a mãe observa-se que desde o período uterino há uma relação intrínseca com a criança e seu desenvolvimento dada a relação biológica direta entre ambos. O desenvolvimento da atividade humana, como relação social posterior na periodização, contudo, se torna complexo na

medida em que consideramos as diversidades presentes na concepção da maternidade, biológica ou não. Como conferimos em Lazaretti (*ibid*, p. 186) as brincadeiras e o lúdico, posteriormente, desempenham papéis fundamentais em seu desenvolvimento, seja pela ternura e o amor ou “até o oposto” (*ibid*, p. 187).

## 2. MEDIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE 0 A 1 ANO

Na base da Psicologia Histórico-Cultural há a noção de que o desenvolvimento é alcançado por meio das relações sociais e o intercâmbio de informações pelos processos do desenvolvimento da aprendizagem. Sem as relações sociais, não há que se falar em desenvolvimento humano, como podemos verificar em Cheroglu & Magalhães (2020, p. 137). Na investigação pedológica, considera-se a vida uterina tanto quanto a extrauterina no desenvolvimento da personalidade e psiquismo infantil (VYGOTSKY, 1997), sendo na vida extrauterina e em contato com a realidade social que a personalidade se desenvolverá. De acordo com os autores supracitados, o primeiro ano de vida é composto por três momentos: “o período uterino, o período pós natal e o período de relativa estabilidade na formação cultural do bebê” (CHEROGLU & MAGALHAES, 2020, p. 137).

No útero a vida se desenvolve na formação dos processos e componentes fisiológicos que ampara a formação do psiquismo do feto. As condições sociais, econômicas e psíquicas da gestante influenciam, portanto, diretamente no desenvolvimento da formação biológica do embrião. O próprio som do coração da mãe, por meio das percepções neurológicas, começa a gerar respostas emocionais de conforto no feto como aponta Glozman (2014, apud *ibid*, p. 138). O vínculo gerado entre a gestante e o bebê são, portanto, tanto biológicos quanto condicionados pelos fatores sociais que englobam a gestação.

Neste sentido, inclusive é imperioso considerar os determinantes sociais que compõem a saúde e bem-estar tanto da gestante quanto do feto. Como o Xavier *et al* (2013, apud DOGENSKI & MANFREDINI, 2019, p. 4) apontam:

Tendo em vista que a morbimortalidade materna e infantil se mostra um problema de saúde pública (...) os fatores de risco à saúde da mãe e do bebê, não são apenas relacionados com as questões biológicas, mas sim com o ambiente em que estão inseridos, com as questões socioculturais e institucionais que envolvem a gestação.

Para tanto, os cruzamentos entre fatores socioeconômicos, e o acesso ao sistema de saúde pública (ou particular) são alguns dos determinantes e condicionantes sociais que perpassam tanto a saúde materna quanto a infantil no processo de desenvolvimento da criança. Esposti (*et al*, 2019, s/p) trazem lições necessárias à nossa reflexão quando consideramos “estudos científicos evidenciaram

que as desigualdades sociais estão associadas com altas taxas de mortalidade infantil e com a inadequação do pré-natal em gestantes de raça/cor preta, adolescentes e sem companheiro”.

Após o nascimento, os fatores sociais só se agravam em sua natureza com concepção das interações sociais se intensificando e diversificando. Como apontam Vicentini, Stevanini e Vicentini (2009, apud CHEROGLU & MAGALHAES, 2020, p.139), o organismo passa a se orientar pelo ambiente social, que pode tanto vir imediatamente por meio da gestante ou de outro adulto cuidador (*ibid*). Neste período, chamado por Vigotski de “período de passividade” (VIGOTSKI, 1996 apud *ibid*), o bebê está totalmente à mercê de dependências absolutas do adulto cuidador, respondendo em sua maior parte de maneira impulsiva e em resposta à estímulos.

Apesar do momento ser marcado por esta inerente passividade, “aqui se formam a matriz do desenvolvimento psíquico da consciência humana” (*ibid*, p. 140) ainda que de forma rudimentar, marcando a própria personalidade já em seu curso de formação inicial da personalidade, sendo o início de todo o processo posterior de aprendizagem e apropriação cultural, por ser esse o principal momento inicial. Por outro lado, os fenômenos que marcam as Funções Psíquicas Superiores, tal como anteriormente citados estão em vias de se desenvolver, visto que a linguagem e a comunicação ainda não são totalmente desenvolvidas na vida do infante e, portanto, não há concepções ou percepções conscientes de conceitos tendo uma subjetividade única, marcada pelas emoções em respostas aos estímulos da realidade indiferenciada (*ibid*, p. 141).

Como se há de verificar em Camargo (1999):

A emoção compreendida em sua origem revela a sua primeira função. É ela que permite ao homem estabelecer os seus primeiros contatos. A emoção é a primeira forma de comunicação. O recém-nascido se comunica com o mundo, sofre a ação do mundo, e pode atuar sobre ele graças à emoção. Através dela iniciam-se as bases das relações interindividuais (CAMARGO, 1999, p. 10).

A autora ainda vai adiante a explicar como, por meio de estudos de Berger e Cunningham (1988 citado por LOCKE, 1997, p. 240), os bebês produzem respostas até mesmo às expressões do rosto da mãe, provocando reações diferenciadas mediante as variações de expressões faciais maternas. Destarte, verifica-se que as primeiras formas de comunicação são as expressões de necessidade imediata do bebê, por exemplo, por meio do choro e movimentos do corpo, sendo “os mecanismos de uma intersubjetividade que, no início é emocional” (CAMARGO, 1999, p. 12) pela qual se estabelece a comunicação emocional direta e cada vez mais no progresso de sua aprendizagem, vão ganhando características próprias.

Por meio da orientação de adultos, a percepção do bebê pode ser guiada na relação com objetos que posteriormente irá desenvolver uma relação objetiva e intencionada. Movimentos como

o de apalpar, olhar, escutar e distinguir por meio das percepções sensoriais caracterizam a base para a posterior distinção da manipulação dos objetos, originalmente manuseados de maneira caótica e genérica. Esta relação de diferenciação e novas manipulações e interações com objetos progredem, segundo Elkonin (1978 *apud* NEVES, 2020, p.64) por duas maneiras: por encontrar novas maneiras de atuação com objetos disponíveis à criança ou por meio de relações lúdicas, de jogo, com o adulto.

No segundo semestre da criança é possível visualizar o desenvolver da mobilidade, o que permite sua interação com o espaço e outros objetos sem a necessidade do adulto como dependente. Assim, atividades começam a se desenvolver por meio da observação, ao ver, por exemplo (...) “fechando e abrindo a porta, colocando a chave na fechadura, os adultos ensinam a comer com a colher, colocar sapatos, os adultos ensinam a utilizar os objetos” (ibid) e desta maneira a criança passa a internalizar, a apropriar-se da cultura elaborada histórica e socialmente por seus precedentes.

Na filogênese, a evolução biológica, encontramos os fatores hereditários, herdados geneticamente enquanto a personalidade irá se objetificar por meio da ontogênese, isto é, a “história de vida do indivíduo” (NEVES, 2020, p.18). Nesse sentido, entende-se que por meio da mediação de um adulto, a criança irá se apropriar e internalizar conhecimentos e informações.

De acordo com Lísina (1987, *apud* CHEROGLU & MAGALHAES, 2020, p. 143) verifica-se que para a comunicação é necessários ao menos dois indivíduos, revezando entre sujeito e objeto da comunicação. Neste caso, do infante, seus primeiros contatos comunicativos se estabelecem entre o próprio bebê e seu adulto cuidador, estabelecendo assim uma comunicação emocional direta.

É na relação e mediação do adulto com a apropriação e compreensão qualitativa dos objetos e do espaço a sua volta que a criança começa a se socializar, entendendo assim também as funções sociais dos objetos com os quais ela entra em contato, e neste sentido compreendemos que o desenvolvimento da Funções Psíquicas Superiores se torna possível justamente por conta do aprendizado e da comunicação estabelecida com os adultos, estes por sua vez marcados pela bagagem histórica e social que constituíram seu psiquismo.

Mesmo no início da vida extrauterina, o bebê é marcado por suas relações sociais por suas necessidades objetivamente estabelecidas com um adulto que media os próprios processos básicos de suas necessidades fisiológicas. Ainda que por meio de movimentos desprovidos de linguagem oral, a comunicação é estabelecida com sons e movimentos apreendidos e interpretados pelos adultos. A relação social é aqui antes de tudo uma necessidade de sobrevivência, sem a qual seria impossível permanecer vivo e pela qual supera a contradição social e a diferença no desenvolvimento com seu mediador, todavia é possível dizer que somente por seu mediador ter conhecimentos historicamente constituídos na interpretação de seus sons e movimentos é que isto também é possibilitado (VYGOTSKY, 1996, *apud* NEVES 2020, p. 65-66).

O afeto, sempre presente nos períodos do desenvolvimento torna-se um fator crucial para o desenvolvimento do psiquismo, posto que a memória e o aprendizado em si são melhores constituídos quando há a consideração das emoções como papel importante na fixação da memória e do aprendizado no processo educativo (VYGOTSKY, 1988/2001, p. 143-144). Concomitante a isto, Vygotsky (2001) diz que:

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções se inserem no comportamento consiste inteiramente na regulagem das reações pelo organismo. (VIGOTSKI, 2001, p. 139).

Em virtude dessas considerações, verificamos em Vygotsky (1996, apud CHEROGLU & MAGALHAES, 2020, p 145-6,) o afeto está sempre presente nos períodos e “modifica-se em toda nova etapa de formação da personalidade e toma parte na estrutura da nova consciência, própria de cada idade” (*ibid*). De acordo com Cheroglu & Magalhães (2020, p. 143), verificamos, portanto, que para a psicologia histórico-cultural, o desenvolvimento do psiquismo é espiralado e isto significa, nas palavras das autoras que “cada período é gestado no anterior” (*ibid*).

Através da comunicação emocional direta, as primeiras apropriações culturais da criança são realizadas no entendimento do seu meio, que não é realizado de forma imediata, mas através de uma complexa relação entre a criança e tudo que a circunda. “Por meio do desenvolvimento do entendimento da linguagem a criança começa a estabelecer e realizar ações com base na linguagem oral mediada por adultos” (NEVES, 2020, p. 67) entendendo e compreendendo palavras, indicações verbais e comandos, este salto permite que toda uma nova estruturação de seu psiquismo em torno da relação com sua cultura e todo a bagagem cultural desenvolvida por sua sociedade.

É importante que para o desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores da criança os adultos mediadores estejam direcionando seu psiquismo à uma instância superior de seus estágios precedentes, não sendo possível seu desenvolvimento pleno caso, por exemplo, a criança seja deixada a sua própria sorte; tamanho é o papel da mediação. Para tanto, o desenvolvimento da linguagem é importante a ser estimulado desde os primeiros dias de vida, posto que a linguagem “sintetiza o acúmulo da experiência social da humanidade e os saltos qualitativos dos indivíduos do ponto de vista filo e ontogenético” (*ibid*, 2020, p. 69).

O desenvolver da fala, supera a fase pela qual a criança depende mais de suas captações sensoriais e respostas condicionadas, por este posto que se torna capaz de instrumentalizar o intercâmbio entre pares de uma mesma sociedade, permitindo a apropriação elaborada do conhecimento cultural e social que os precedem (*ibid*).

Acerca da linguagem, Vygotsky afirma que as funções “cognitivas e comunicativas da linguagem se tornam, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais” (VYGOTSKY, 1984, p. 31). A relação com a fala é complexa e na perspectiva do autor trilha-se por dois caminhos distintos, conforme verificamos em Rodriguero (2000):

Na perspectiva vygotskyana, o pensamento e a fala, no seu desenvolvimento ontogenético, têm raízes diferentes. Pode-se estabelecer no desenvolvimento da fala da criança um estágio intelectual, e no desenvolvimento de seu pensamento, um estágio pré-linguístico, sendo que, em um dado momento, essas linhas se encontram e, em consequência, o pensamento torna-se verbal, e a fala, racional. (RODRIGUERO, 2000, p. 105).

Com o estabelecimento da linguagem, surgem também uma mudança significativa nas atividades, que passam a ser objetual-instrumental, no sentido de que a comunicação emocional até então direcionada de forma não verbal passa a ser entendida em um processo colaborativo de forma que os adultos responsáveis se tornam fundamentais no desenvolvimento de suas habilidades para a comunicação. Por volta dos dois anos a consciência começa a ganhar aspectos particularmente humanos, no sentido de atribuir significados simbólicos e dominar as funções da linguagem (FACCI, & BRANDÃO, 2008).

Embora de início o desenvolvimento da linguagem seja precário no sentido de a criança nesse momento atribuir uma palavra “para se referir a todo um conjunto de coisas que os adultos designam com palavras diferentes” (PASQUALINI, 2009, s/p). Importante notar que não é a idade por si que designa o desenvolvimento, mas todo o conjunto de condições histórica e socialmente construídas para que a periodização seja considerada (*ibid*). Consoante a este pensar, Rego (2011) afirma que:

O desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Assim o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que indica, delimita e atribui significados à realidade. (REGO, 2011, p. 61).

Este momento a qual Vygotsky define como “linguagem autônoma”, onde a criança começa a se comunicar com palavras, mas elas são situacionais, em casos concretos que indicam e se referem a objetos, mas não o significam (PASQUALINI, 2009). Com o desenvolvimento da linguagem, o sentido social começa a se desenvolver para além de situações imediatas pelas quais a criança era até então atrelada de maneira imediata e concreta e seu psiquismo começa a interpretar de maneira a desenvolver sua consciência sobre o que lhe cerca.

Neste sentido, podemos compreender como o aparato biológico da criança, por mais complexo que seja é incapaz, por si só de apropriar-se dos conteúdos históricos e sociais construídos

ao longo do desenvolvimento humano, sendo fundamental o desenvolvimento de suas funções pela mediação social. Para exemplo, Neves (2020, p. 29):

ilustra o processo de desenvolvimento no ato de beber água: inicialmente, quando experimenta tomar água em um copo pela primeira vez o bebê realiza movimentos reflexos relativos aos movimentos de sucção no seio materno; posteriormente o desenvolvimento de suas habilidades e a própria concepção do copo como algo diferenciado e que requisita uma maneira específica de beber a água, o fará adquirir esta habilidade por meio da mediação e interferência de adultos.

Vygotsky (1996 apud NEVES, 2020 p.56) divide o primeiro ano de vida em três períodos: o de passividade, de interesse receptivo e o período de interesse ativo. Diferenciando entre os momentos podemos destacar a passividade como o momento pelo qual o recém-nascido age somente por seus impulsos reflexivos. Por meio da mediação de um adulto, movimentos começam a ser condicionados pela relação social com o adulto e eventualmente a marca da expressividade começam a marcar o momento do interesse ativo às percepções sensoriais e do ambiente, tal qual a própria relação do bebê com seu meio social.

Em diferentes momentos, funções distintas emergem como predominantes, como por exemplo, a percepção mais diferenciada que a memória em si (VIGOTSKI, 2018 apud NEVES, 2020), promovendo sempre um processo de reestruturação. Neste processo, Neves (ibid.) destaca como o afeto, pautada em Cheruglu & Magalhães (2016), se torna importante ao aprendizado infantil, papel esse denotado em um primeiro momento pela própria relação maternal, de forma que a mediação aliada aos processos de afeto se torna fundamentais para uma gama de conteúdos culturalmente apropriados.

Assim, desde o processo de separação biológica e de ambientes internos ligados com a mãe até o próprio processo de reflexos condicionados, tal qual encontrar o peito para mamar ou agarrar coisas com as mãos, os afetos e as reações afetivas condicionam todo o comportamento do bebê. Através do desenvolvimento de suas funções psíquicas pautadas numa relação afetiva, o psiquismo se forma e por meio do qual o indivíduo poderá vivenciar experiências em uma dada realidade posta por gerações anteriores, mas relacionando-se de maneira individual com os conteúdos apreendidos pela relação entre sujeito e objeto, processos internos e externos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo buscou analisar por meio de um levantamento e pesquisa bibliográfica o suporte teórico acerca de como funcionam as relações mediadoras no desenvolvimento de crianças de 0 a 1 ano de idade. Para tanto, observamos por exemplo sobre como a vida intra e extra uterina são afetadas

desde a gênese do próprio ser humano, por relações sociais que nos distinguem por meio de nossas atividades e apropriação do conhecimento.

No desenvolvimento do bebê, verificamos como sua comunicação se estabelece para com a mãe e posteriores adultos responsáveis, das expressões automáticas de seus primeiros meses ao desenvolvimento de suas expressões em relação ao ambiente e a compreensão de seu meio. Por meio do afeto nas relações sociais, a linguagem se torna o instrumento pelo qual o ser humano aprende e apropria-se de seu meio e sua cultura para o desenvolvimento de suas Funções Psíquicas Superiores e do próprio psiquismo.

Observamos também a importância de levantarmos e conferirmos como dados sociais interagem para o desenvolvimento de uma Psicologia inclusiva na consideração de determinantes sociais que cruzam aspectos da maternidade. Esses aspectos sociais não podem ser desconsiderados no próprio processo de desenvolvimento, posto que já perpassam as barreiras que separam o feto e o ambiente externo, trazendo desde sua concepção toda uma série de fatores que contribuem também no seu desenvolvimento como aspectos de seu meio.

O desenvolvimento da linguagem em seus múltiplos aspectos, verbais e não verbais, demonstram-se como fatores essenciais para o desenvolvimento da própria consciência do bebê, pois é por meio dela que eles são criados para relações desempenharem seus papéis na formação da personalidade e do desenvolvimento de seu psiquismo, como algo fundamental para a sua percepção de seu ambiente tanto quanto das relações nele estabelecidas. Por meio da linguagem as dificuldades e necessidades do bebê são atendidas e é por elas também que ele dá início às suas interações com o mundo de forma a compreender e manusear objetos gradativamente.

Desta forma, o desenvolvimento pleno do psiquismo infantil conta com a possibilidade de uma mediação que constantemente eleve o patamar das possibilidades e interações em prol de uma aprendizagem rica e de interação com adultos responsáveis, porque a criança por si, sozinha, desconsiderada de suas relações, não possui condições para desenvolver-se como potencializadora de seus próprios processos, fato que demarca a constituição do psiquismo pelas próprias relações sociais que nos constituem.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. A; FACCI, M. G. D; MARTINS, L. M. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico**. Autores Associados: Campinas, SP. 2020.

CAMARGO, D. Emoção, Primeira Forma de Comunicação. **InterAÇÃO**, Curitiba, v. 3, p. 09 a 20, jan./dez. 1999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologi-a/article/viewFile/7657/5460>. Acesso em: 5 out. 2022.

CHEROGLU, Simone; MAGALHÃES, Gisele Modé. **O primeiro ano de vida: vida uterina, transição pós natal e atividade de comunicação emocional direta com o adulto**. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (Orgs). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

COSTA, F. A. T; FERREIRA, L. S. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: Implicações para a constituição do processo de leitura. **Revista Iberoamerica de Educación**. Nº 55, 2011. Disponível em: <Http://www.ri-oei.org/rie55a09.pdf>>. Acesso em 27 set. 2022.

DOGENSKI, C; MANFREDINI, C. S. **Condicionantes e Determinantes Sociais de Saúde de Gestantes com Doenças Hipertensas Gestacionais, Internadas em uma Maternidade no Sistema Único de Saúde**. Disponível em: <http://reposit-orio.uricer.edu.br/bitstream/35974/222/1/Chanaiara%20Dogenski.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.

ESPOSTI, C. D. D; GARCIA, É. M; GAMA, S. G. N. da; MARTINELLI, K. G; NETO, E. Th. dos S; OLIVEIRA, A. E. Risco Gestacional e Desigualdades Sociais: Uma Relação Possível? **Ciência Saúde Coletiva**. Dezembro, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/csc/a/w-d8rzF6fR7XvfMwDCJSBkJ\\_w/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/csc/a/w-d8rzF6fR7XvfMwDCJSBkJ_w/?lang=pt). Acesso em 04 out. 2022.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BRANDÃO, Silvia Helena Altoé. **A Importância da Mediação Para o Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores de Alunos da Educação Especial: Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural**. 2008. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_silvia\\_helena\\_altoe.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_silvia_helena_altoe.pdf) . Acesso em 25 out. 2022.

NEVES, Daiane de Oliveira. **Da Comunicação Emocional Direta à Possibilidade de Gestação do Desenvolvimento da Linguagem Oral: uma síntese apartir da Psicologia Histórico-Cultural**. 23 ed. Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR. 2020.

PESSOA, C. T., & Costa, L. H. F. M. (2014). Constituição da identidade infantil: Significações de mães por meio de narrativas. **Psicol. Esc. Educ.**, 18(3), 501-509. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n3/1413-8557-pee-18-03-0501.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

RODRIGUERO, C. R. B. O Desenvolvimento da Linguagem e a Educação do Surdo. **Psicologia em Estudo**. V.5, n. 2, p. 99-116. Maringá: DPI/CCH/UEM, 2000.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil** [Esquema de investigação pedológica]. Tradução das partes 5 e 6 de: VIGOTSKI, L. S. Diagnóstico

del desarrollo y clínica psicológica de la infancia difícil. In: \_\_\_\_\_. Obras Escogidas. Tomo 5 – fundamentos de defectología. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1997. p. 275-338.

VIGOTSKI, S. **Psicología pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

XAVIER, R. B. et al. Riscos reprodutivos e cuidados integrais de gestantes com síndromes hipertensivas: estudo transversal. **Online Brazilian Journal of Nursing**, [S.l.], v. 12, n. 4, p. 823-33. 2013. Disponível em: <https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4249>. Acesso em 3 out. 2022.

WALLON, H. L'evolution psychologique de l'enfant. 11<sup>a</sup> ed. Paris: Armand Colin Éditeur, p. 186, 2002.